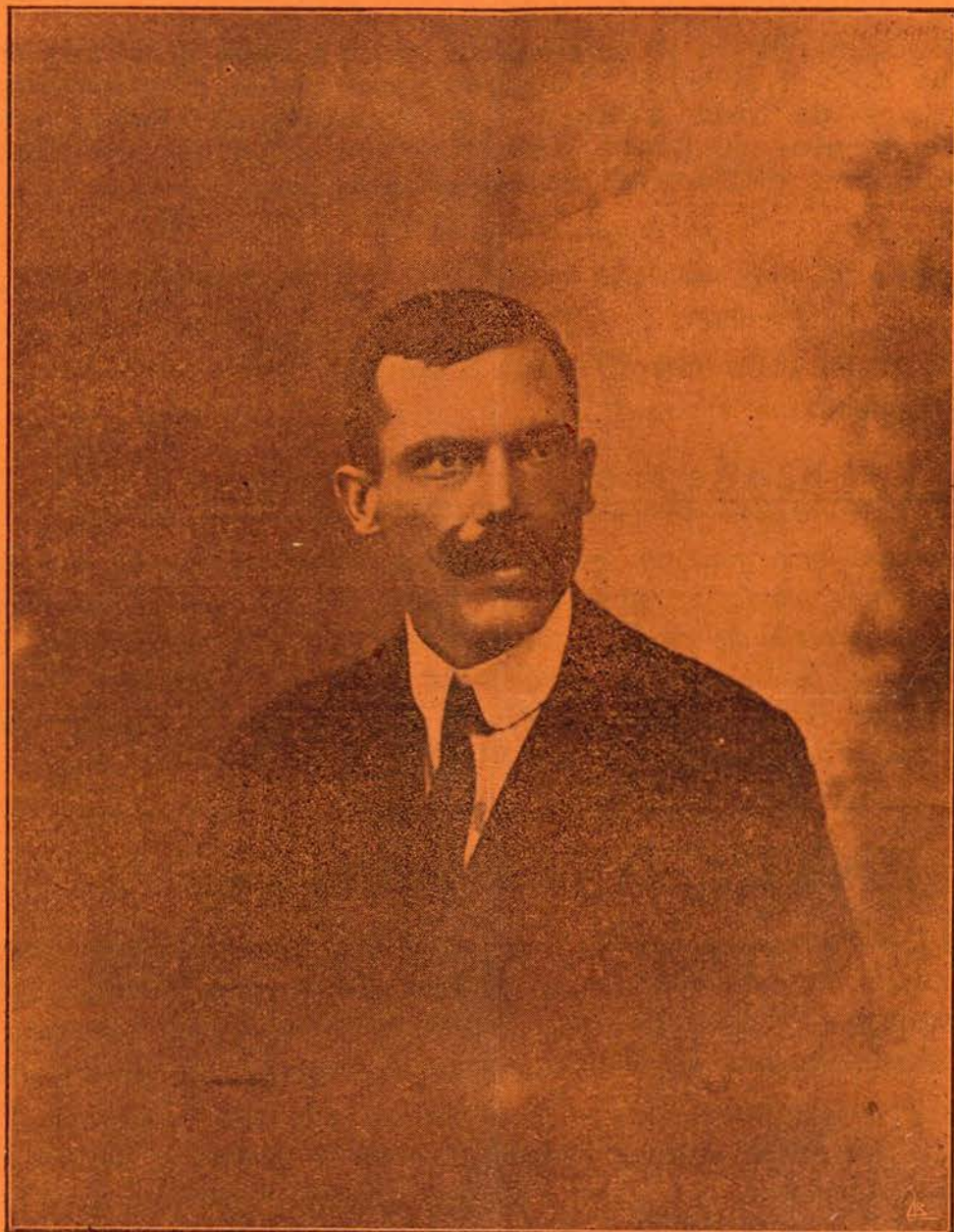


Salvo A Entrevista

Sem santo nem senha

POR JOAQUIM LEITÃO



*O official d'artilharia ex.^{mo} sr. D. FERNANDO D'ALBUQUERQUE, CONDE DE MANGUALDE
prêso no Porto por ocasião dos ultimos acontecimentos*

N.º 3 — Numero avulso 60 reis — 16 - XI - 1913

NÃO SE ACCEITAM ASSIGNATURAS

Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

Todos os direitos de reprodução reservados

A ENTREVISTA

— POR —

JOAQUIM LEITÃO

Publicação semanal de 16 paginas de texto e capa illustrada com o retrato do entrevistado. Publicará entrevistas com os homens eminentes de toda a Europa e Americas, á medida que os acontecimentos as provocarem. Occupar-se-ha da politica portugueza sem distincções de côres politicas.

Portugal: Numero avulso	60 reis
Pelo correio	65 reis
França e paizes da União Postal.	50 centimos
Brazil (moeda portugueza)	100 reis

Não se acceitam assignaturas

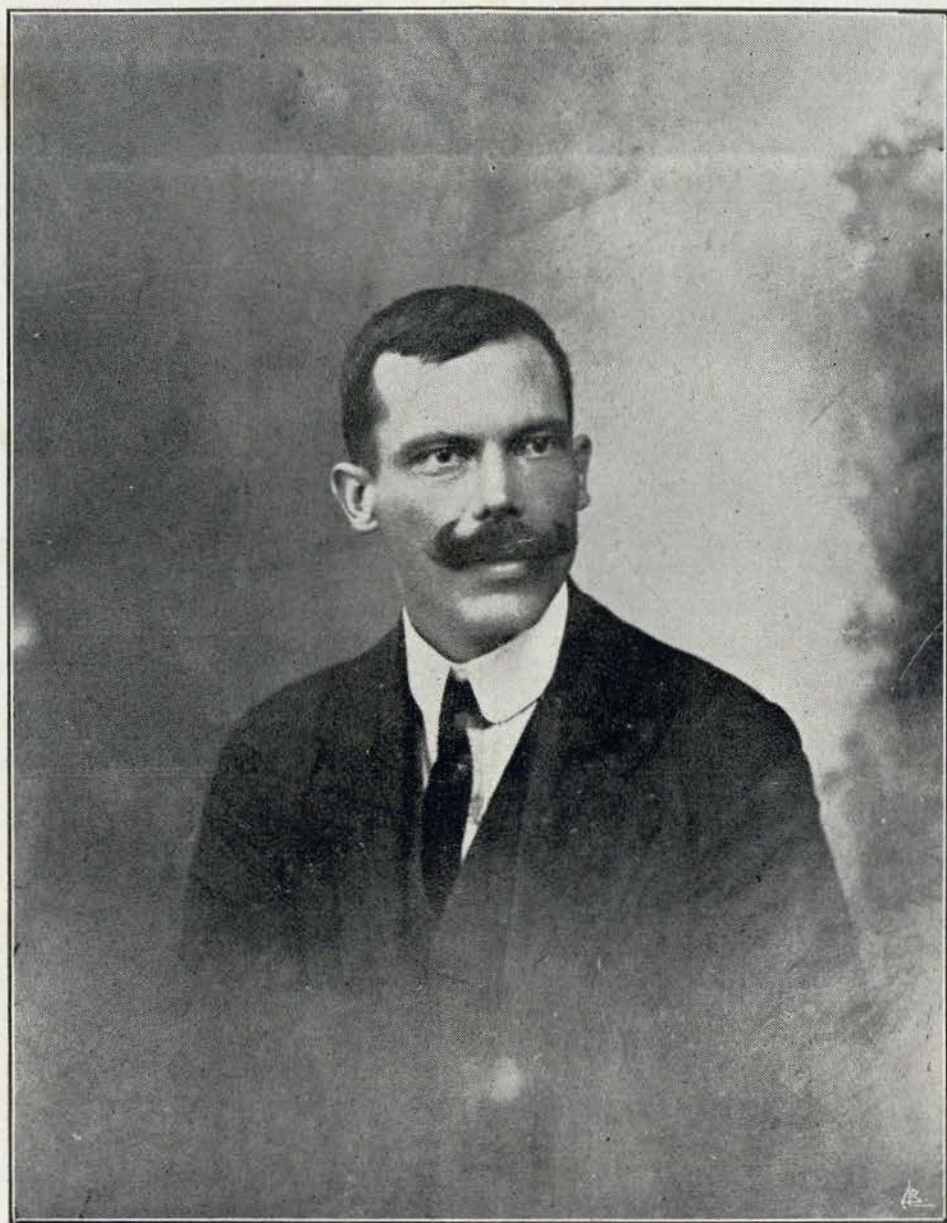
As pessoas que quizerem receber A Entrevista pelo correio deverão remetter adeantadamente a importância d'uma serie de numeros, acceitando-se a partir de uma serie de quatro numeros, remettida á typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor, Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

As pessoas residentes no estrangeiro dirigir-se-hão ao auctor: Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie — Passy — PARIS.

A ENTREVISTA publicou já:

Numero 1. — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO em que, o antigo ministro e heroe d'Africa, conta a sua temeraria entrada em Portugal nas vespas dos acontecimentos de outubro ultimo e como conseguiu sahir de Lisboa, escapando ás auctoridades conhecedoras da sua estada na capital.

Numero 2. — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS. — Prologo d'um inquerito á politica hespanhola contemporanea — Quem é Montero Rios — A carreira d'um decano. — O ministerio de Prim e o fiel partidario de Amadeo — «O bom filho de Santiago» — A Republica encontra affastado da vida publica o homem de estado da monarchia — Que revolução ameaça a Hespanha — O Imperialismo iberico é um absurdo — A Hespanha não póde pensar em absorver Portugal — O que foi a conferencia de Algeciras e como acabará a intervenção militar em Marrocos — Importantes declarações e previsões de Montero Rios.



Comte de Maignelke

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 3

16-11-1913

CARTA ABERTA

AO

Senhor Conde de Mangualde

Prêso político na Penitenciaria de Lisboa

Meu ex.^{mo} e queridissimo amigo: ignoro se aos prêsoes politicos é permittido receber correspondencia na Penitenciaria. Se o é, como esta carta, antes de ser lida por si, seria lida pela Secretaria da Penitenciaria, e só lhe iria ter ás mãos depois de aberta, eu tiro o trabalho aos seus carcereiros — escrevo-lhe em carta aberta.

Talvez lhe não deixem tambem lêr jornaes ou quaesquer publicações.

A minha carta aqui fica, porém, e o meu amigo a todo o tempo a encontrará, e verificará que cumpri com escrupulo este dever.

Extravie-se muito embora esta carta, o meu dever é escrever-lh'a. Não basta sentirmos a sua prisão, precisamos dizer-lh'o.

Fui surprehendido com a sua ida ao Porto.

Surprehendido porque ao abraçá-lo em Paris, setembro findo, ignorava que fôsse esse o seu destino, e não

porque desconhecesse que a sua tempera e a sua fé o não deixariam discutir os perigos que corria, entrando em Portugal, com uma condemnação cellular ás costas.

Já com o João d'Azevedo Coutinho se passou o mesmo: não admirei que aquelle homem rompesse pela fronteira dentro, estando condemnado a pênna maxima: admirei que elle podesse voltar.

A sua fé, meu carissimo Mangualde, a sua pundonorosa coragem, a sua tenacidade, a sua indiferença ao avançar para a cadeia não surprehendeu a ninguem: assim avançou de baixo de fogo, o conde de Mangualde, no dia 8 de julho de 1912.

Mas commoveu a todos.

O coração dos seus amigos está comsigo, nós não o esquecemos, nós temos orgulho em si.

Não são só os seus amigos que estremeceram de commoção e de res-

peito ao saber se da sua prisão: fôram todos os homens que podem comprehender a belleza moral. A comprehensão moral ajoelha ante as bellezas moraes, como os valentes se enthusiasmam com os gestos uns dos outros.

Já aqui a Paris vim ter mais uma prova d'isto. Pessoa chegada de Lisboa contou:

— «Depois do 21 d'outubro, entrei uma noite na *Brazileira*. Carbonarios discutiam exaltadamente os acontecimentos. Um homem que me pareceu ser o João Borges, conhecido pelo «Borges das Bombas» narrava em voz alta:... *um carro ou não sei o quê fez parar, uns instantes, um automovel, mesmo ao pé de mim. Vi-o, e apesar do disfarce, reconheci-o, era elle, o João d'Azevedo Coutinho. Hesitei no que devia fazer. Prendel-o? Não, que um homem d'aquelles não se deixa prender. Matal-o? Isso tambem não, não se mata um valente!*...

Não me podem garantir que fôsse o «Borges das Bombas» mas garante-me o facto testemunha directa. Fôsse quem fôsse, valente e habituado a expôr a vida havia de ser, para comprehender e admirar o gesto de João d'Azevedo Coutinho.

Alguma coisa d'análogo se deu com a impressionante figura do Conde de Mangualde. Assim que no Porto constou terem sido prêsos o Conde de Mangualde e o Ferreira de Mesquita, a mais de um republicano se ouviu dizer:

— «Se eu soubesse onde elles estavam, ter-lhes-ia offerecido a minha casa para se esconderem!»

Seria isto uma defeccão ou uma deslealdade d'esses republicanos ao regimen com que sympathisam?

Não. Era apenas o Homem impressionado pela elevação humana, a alma portugêsa debruçando-se commo-vida para os vencidos.

No 31 de Janeiro monarchicos houve, irreductivelmente monarchicos, que deram asylo a vultos republicanos.

O sr. Major Malheiro — ao tempo alferes — foi um dos que encontrou em casa de um monarchico o asylo necessario para dar tempo a que se preparasse em Villa do Conde uma lancha de pescadores que o levou a Vigo. Fôram ainda monarchicos que trataram essa lancha, pertencendo essa bella acção a um Villacondense, já fallecido, o sr. José Maria de Castro, grande influente politico, tio do Dr. Antonio Maria Flores Loureiro. Foi assim que o sr. Major Malheiro encontrou aberto o caminho do exilio, foi assim que os monarchicos procederam para com os seus adversarios politicos.

O sr. Luiz de Magalhães escondeu na sua quinta de Moreira um dos vultos mais importantes do partido republicano.

Se o sr. Luiz de Magalhães nunca me contou este facto, não foi por medo, nem então nem hoje, que os monarchicos o dessem por suspeito. E não foi só o sr. Luiz de Magalhães que deu asylo a vencidos de 91; o fallecido Visconde de Guilhomil homisiou em sua casa e ensinou o caminho da liberdade a innumerous republicanos, e uma auctoridade do districto do Porto contou-me a mim a nobreza com que protegêra os vencidos.

Para duvidar que alguns republicanos portuenses estivessem espontaneamente dispostos a offerecer ao conde de Mangualde e ao seu ajudante Ferreira de Mesquita o seguro asylo das suas casas, insuspeitas ás instituições, era necessario ter a certeza de que as delicadezas moraes se encontram apenas entre monarchicos.

Eu acredito piamente que republicanos houvesse no Porto capazes de

lhes garantir o homisio e a liberdade, porque a superstição politica nem em todos chegou ao rubro branco do fanatismo, e porque é proprio da alma humana nutrir sympathia pelas affirmações moraes.

A sua ida ao Porto é um affirmacão moral; não constitue privilegio dos homens que se encontram com-sigo debaixo da mesma bandeira, o admirarem-o.

Conhecedor da sua rizeja d'animo, não venho com consolações. O conde de Mangualde dispensa-as. Esteja tranquillo que ninguem se atreve a levar-lh'as. Venho trazer-lhe apenas a certeza de que o seu nome não está intaipado nos muros da Penitenciaría. E se lhe fallo na vibração de sympathia, que a sua figura produziu na opinião publica, é justamente para não passarmos aos seus olhos, nós, os seus amigos, por pessoas que pretendam ter o merito de o estimar.

Até aqui era o que o amigo lhe tinha a dizer e iria dizer-lhe ás rezas da Penitenciaría, se eu estivesse agora em Portugal.

Resta-me cumprir com o escrupulo do publicista.

No meu coração ficou stenographada a conversa que em setembro tivemos em Paris. N'essa conversa nem ha confidencias politicas nem baixos-relevos a occultar. Tudo em si foi elegancia intellectual, tudo foi

cultura mental, simplicidade e firmeza moral. Nem um azedume para ninguem, nem uma censura, nem um assomo de incompatibilidade: o entusiasmo d'um rapaz, na ponderação d'um velho.

Não quero, porém, publicar essa conversa, sem lhe pedir licença, e sem lhe affirmar que não persegui n'essa entrevista o assumpto vendavel.

Não.

E' que o escriptor tem com o seu publico compromissos a honrar.

O publico enterneceu-se com este lance da sua vida, tomou interesse pela sua personalidade, e o conde de Mangualde que até aqui pertencia a uma classe, a uma rôda d'amisades, ao recato das suas relações, é hoje uma figura publica.

Depôr sobre uma vida publica, sobretudo quando só se tem factos sympathicos a revelar, não é uma inconfidencia — mas um testemunho e um dever.

Perdôe, pois, que eu transmitta ao publico a enternecida estima e a fundamentada admiração e respeito que pelo conde de Mangualde tem o seu

admirador e afeiçãoado amigo

Joaquim Leitão.

Paris, 9 de Novembro de 1913.

O Senhor Conde de Mangualde e a Republica

Como recebeu as novas instituições o official d'artilharia, Senhor Conde de Mangualde (Fernando) — No caminho da conspiração — A sua transferencia para a Ilha da Madeira — Saida para a Galliza.

Assim como houve alguns homens, muito poucos, que desde o dia 5 de Outubro começaram a conspirar contra a Republica, outros, e foi a maior parte, só hostilisaram o novo regimen depois de se convencerem que os acontecimentos os compellia a dar esse passo.

No numero d'estes está o sr. conde de Mangualde (Fernando).

Official d'artilharia, procedeu como a quasi unanimidade do exercito: acatou o regimen, depois de proclamado.

Diferença entre acatar e lisongear — Diálogo entre dois diplomatas: Acabou a monarchia ou desapareceu a Historia de Portugal?

Qualquer homem de bem podia ter servido o Paiz atravez as instituições republicanas, por mais apaixonadas que fossem as suas affeições á causa monarchica.

O grave, o antypathico, o condemnavel não era servir a Republica: era explorar-lhe o favor, quem já explorára o favor da monarchia.

O censuravel não era acatar um regimen triumphante — houvesse elle

triumphado pelo que triumphasse —, mas lisongear-o.

Militares e civis retinctamente monarchicos podiam servir o regimen republicano, sem se degradarem.

O que não podiam era cortejar-o.

Marca bem a differença entre *acatar* e *lisongear* um dialogo que, entre dois diplomatas portuguezes, se ouviu no ministerio dos estrangeiros, no dia 5 de outubro. Um d'elles figura muito cotada e de grande hierarchia na carreira e no ministerio, chamára pelo telephone, um diplomata tambem em commissão no ministerio.

— «O que? Já ahi está o José d'Azevedo?» — perguntava o segundo, muito alheio ao que se passava na rua.

— «Qual José d'Azevedo! O José d'Azevedo já não é ministro. Agora é o Bernardino. Venha já para o ministerio, para decifrar os telegrammas.

— «Se o ministro é o Bernardino, é porque está proclamada a Republica, e, se está proclamada a Republica, eu nada tenho a fazer no ministerio.

— «E' um favor pessoal! Por quem é, venha, que eu não sei como hei-de dar vasão a tanto trabalho. Não tenho cá ninguem, e já ahi está uma ruma de telegrammas para decifrar».

O funcionario que o afflicto telephone do ministerio dos estrangeiros chamava era, na verdade, uma competencia excepcional na arte de decifrar despachos, e como a hierarchia que o chamava era tambem a delicadeza em pessoa, o diplomata chamado metteu-se n'uma carruagem, e foi para o ministerio.

Alli chegado, antes do sr. Bernardino Machado tomar posse, foi dar com a veneranda hierarchia que o chamára, a apear os retratos dos reis das quatro dynastias que decoravam uma das salas do ministerio. Ainda pensou que estivessem a mudar as installações do pessoal, pois que haviam mudado as instituições, a fazer arrumações para dar uma nova disposição á repartição, e perguntou:

— « Então o que é isto ? »

— « Não vê ? — disse-lhe a veneranda hierarchia do ministerio dos estrangeiros —, estou a tirar isto d'aqui... »

— « Porque ? »

— « Por 'môr do Bernardino, que vem ahi. Póde offender-se. Faz favor péga n'este quadro ? »

— « Então v. ex.^a chamou-me para eu decifrar telegrammas ou para o ajudar a deitar abaixo a Historia de Portugal ? »

E saiu pela porta fóra.

Este era um homem que serviria a Republica; o outro, um homem que a lisongeou, sem precisar, pois que dependencias materiaes, não tinha, que a lisongeou talvez por delicadeza, pela sua estremada delicadeza, talvez pelo habito quasi secular da repartição.

Ao ser humano que se identificou com a repartição, tirar-lhe a repartição é como supprimir o tabaco ao fumador ou prohibir o calice de cognac ou o vinho ao alcoolico — corresponde a matal-os.

Um episodio succedido no ministerio dos estrangeiros, nas primeiras horas do governo Provisorio.

Encontrei-o dois dias depois no gabinete do ministro dos estrangeiros do governo Provisorio. Eu estava a entrevistar o sr. Bernardino Machado para o jornal *O Porto*¹, quando, n'um dado momento, a delicada hierarchia do ministerio, entrou, a conferenciar com o ministro. Eu affastei-me; o diplomata e o ministro ficaram de pé, a falar em voz baixa. N'isto, abre-se de repelão a porta do gabinete, vê-se primeiro um chapéo desabado, depois um homem gordo, de grósso fato de jaquetão, corrente *double*, a classica medalha de oiro octogonal estilhada pela pedrinha verde dos negociantes prosperos, dos suburbios. Era um correligionario do sr. Bernardino Machado. Sem pedir licença, sem cumprimentar quem estava, o correligionario do sr. Bernardino metteu-se entre os dois que conferenciavam, empurrando a delicada hierarchia do ministerio dando-lhe as costas, sem sequer ser de proposito.

O diplomata recuou amachucado, vexado, corado e confuso. E nada mais penoso n'essas horas revolucionarias, em que a multidão gozava o irrespeito das hierarchias do passado — o que é uma maneira de confessar a superstição da turba perante as hierarchias —, nada mais confrangedor do que esse diplomata, conhecedor de todas as rugas dos pergaminhos protocollares como um bicho da sêda conhece o seu casúlo, per-

¹ A colleção d'essas entrevistas com os membros principaes do governo Provisorio está recolhida no meu volume *A Comedia Politica*, publicado por Aillaud, Alves & C.^a — Lisboa.

dendo o equilibrio com o empurrão d'aquelle cidadão gôrdo que representava ali a onda democratica, pisando todos os degraus e apossando-se de todo o tapête escarlata que um embaixador mediria cautelosamente antes de pisar.

E tudo isto porque? Por ambição? Não. A Republica encontrou-o no ultimo patamar da carreira. Talvez amor á repartição, talvez o receio supersticioso do «não-ter-nada-que-fazer» que teem os homens idosos, não sei se qualquer exaggerada comprehensão do dever civico ou profissional, o certo é que esse homem lisongeou a Republica, continuando no seu lugar de confiança, em vez de muito simplesmente recolher ao quadro.

Já morreu.

Não lhe escrevo, por isso, o nome, mas nunca mais esqueço, mil annos que eu viver, essa dolorosa scena do gabinete do ministro dos estrangeiros do Governo Provisorio.

Eis toda a differença e todos os contras de não distinguir entre *acatar* e *lisongear*.

O sr. Conde de Mangualde expõe a sua attitude perante o regimen republicano proclamado.

O sr. Conde de Mangualde cumpriu o que a sua consciencia lhe dictou, mas não apanhou a pisadêla da democracia que eu vi o tacão á prateleira d'aquelle correligionario do sr. Bernardino Machado dar no sapato de polimento, gaspiado por uma polaina *beige*, do diplomata.

O proprio sr. Conde de Mangualde contou á imprensa do Porto a sua attitude perante a Republica.

«A implantação da Republica não me surpreendeu, nem despertou em mim desejos de hostilidade. Eu com-

prehendia que, dada a intensidade de propaganda do partido republicano e a falta de cohesão dos monarchicos, só haveria socego em Portugal quando se estabelecesse a Republica. O 5 d'outubro apenas me chocou porque, a meu vêr, constituiu uma vergonha militar.

«Assim, proclamado e aceite o novo regimen, eu intendi que devia dar-lhe a minha adhesão e fui ao ministerio da guerra assignar o documento pelo qual me compromettia a servir-o. Estava absolutamente resolvido a dar aos novos homens de governo todo o meu apoio e a collaborar, segundo as minhas forças, n'uma obra de resurgimento nacional. E tanto assim, que pensei em propôr-me deputado.

«Passou o mez d'outubro, decorreu o de novembro e a marcha dos acontecimentos modificou a minha maneira de pensar. Reconheci que já não podia ser deputado e, o que é mais, que já não podia subir á vontade as escadas do ministerio da guerra, porque era um *adhesivo*.

«Um dia assisti, cheio de espanto, ao assalto feito aos jornaes monarchicos. Vi quem eram os assaltantes e a indifferença com que os outros assistiam a essa violencia. Pouco depois era feita uma manifestação hostil á «Republica» e ao seu director o dr. Antonio José d'Almeida. E eu pensei commigo: Quando é assim respeitada e mantida a liberdade d'imprensa, como o serão as outras liberdades? Convençei-me de que caminhavamos para o despotismo; e como uma das das armas contra o despotismo é a conspiração, principiei a conspirar».

Transferido para a Madeira.

Não levou muito tempo que não fosse transferido para a Madeira.

Ali os elementos republicanos não

viram com bons olhos esse official tranferido, e que a consideração e a estima da sociedade acolheram logo.

Os novos « marechaes » espreitavam o primeiro ensejo.

Não tardou. Os homens leaes expõem-se facilmente. Um dia, a banda tocava a *Portuguesa*, e o conde de Mangualde não se perfilou. Rompeu o conflito; mas o conde de Mangualde tem o segredo de fazer amigos em toda a parte, a despeito de todas as incompatibilidades politicas, e os seus amigos entenderam que a melhor forma de evitar novo e mais grave conflito era fazer recolher á Infermaria o tenente d'artilharia D. Fernando d'Albuquerque.

Os camaradas iam visital-o todos os dias, deixavam-o sózinho o menos tempo possivel, para elle se não aborrecer, faziam-lhe a partida do *bridge*.

Como saiu da Madeira.

Apesar de toda essa amavel camaradagem, a enfermaria cheirou-lhe a carcere privado; e como nunca perde o bom humor, o conde de Mangualde raciocinou: « *A unica forma de sair d'aqui é massal-os, massal-os, massal-os!*... »

E começou a massal-os.

Por tudo eram reclamações: reclamações porque a comida era má, reclamações porque se não sujeitava á dieta, reclamações porque tinha dôres, reclamações porque havia barulho, reclamações porque havia silencio demasiado; requisitava medico duas e tres vezes por dia, dando elle só trabalho por uma enfermaria inteira.

Quando pediu licença para ir a Lisboa, obteve a logo. A Madeira fôra-lhe dada em desterro; o desterro foi mais fraco do que o desterrado.

Assim que se viu em Lisboa, seguiu para a Galliza.

Em Hespanha — O primeiro aperto de mão.

Foi na Galliza que o conheci, dias antes da 1.^a Incursão monarchica.

Já lá vão dois annos! No exilio contam-se os annos, até os dias como os nossos tranquilllos avós que desconheceraam o caminho de ferro e as residencias d'aluguer, contavam os meios seculos sob o tecto onde nasciam, casavam, e viam nascer e casar os filhos e os netos. No mesmo hotel de Vigo, onde agora soubemos da sua prisão, entre a barulheira da sala de jantar, já nem sei quem apresentou:

— O sr. conde de Mangualde, o sr. fulano...

Trocamos o convencional aperto de mão, e a primeira impressão que recebêmos do novo conhecimento, foi a de um homem brusco, cara de poucos amigos, sobranceiras hostis, narinas promptas a expellir a cólera. A voz grossa, um tanto rouca, acabava de affastar esse primeiro natural movimento de *sympathia*. A preocupação da acção que se approximava, a precipitação com que elle viêra a Vigo e voltava para a provincia de Orense, a approximar-se da concentração em Lubian, donde partiu a columna para a 1.^a Incursão, não davam tempo a conversas.

Depois eu segui para Paris, o conde de Mangualde permaneceu, na Galliza os oito sacrificantes mezes de outubro de 1911 a julho de 1912. Bateu-se em Chaves como um bravo, e ia a sair da Galliza quando as auctoridades o prenderam e processaram, accusando-o de, commandando *partidas armadas*, ter atravessado a Hespanha para ir combater a Republica Portuguesa.

O seu captivante tracto proporcionou-lhe a fuga. Não fugiu. Saiu da cadeia afiançado, esperando em Vigo que o despronunciassem,

**Accidentada viagem por
mar — A força de vanta-
de do conde de Mangualde.**

Mez e meio estive em Vigo ás ordens das auctoridades hespanholas. Até que embarcou n'um paquete, rumo a Inglaterra. O barco apanhou um temporal medónho que tirou o apetite aos proprios passageiros inglezes. Ninguém foi á meza. O conde de Mangualde, esse teimou, vestiu o seu *smocking*; a cada botão do colête que apertava, a cada movimento que fazia, para passar o nó de gravata ou abotoar o collarinho, tinha de se deitar; mas a cada balanço da náu, replicava: «Lá ir á meza é que eu hei-de ir!» Pousava um momento a cabeça no travesseiro, e continuava a vestir-se. E foi o unico passageiro que fez companhia ao commandante, durante esses tormentosos jantares da Byscaia.

E' em tudo assim: vontade de ferro, uma resistencia de Spartano. Nas occasiões mais graves evocará horas felizes, motivos cómicos que o farão sorrir, e, com o pudor dos homens de acção, não se mostrará a considerar as vespas dos riscos que o esperam ou o martyrio que desponta. Entreter-se-ha com a menor coisa, fará calculo, recitará mentalmente se lhe não derem livros, recapitulará paginas lidas, creará um mundo interior se o sonegarem ao mundo exterior e, evocador, é capaz de povoar a sua cella de penitenciario com per-

sonagens épicas ou sombras stoicas. E pois que a fé o não falseia, nem mesmo o desanimo quebrantará.

E' um homem com todas as qualidades moraes que tornam grande o soldado.

A primeira impressão mesmo é essa de soldado, melhor, de official d'artilharia, impressão de solidez physica e de brusca decisão profissional. Com essa impressão fiquei todo o tempo que transcorreu desde que em Vigo o conheci (1911), até que deixou de residir em Londres, setembro ultimo.

Ahi por agosto findo, outros portugueses que na Galliza haviam tido do conde de Mangualde a mesma impressão de dureza, chegaram a Paris com uma opinião completamente differente, fundamentada na estreita convivencia de um inverno inteiro passado em Inglaterra.

— «Você está absolutamente enganado com o Mangualde — dizia-me Virgilio F. Pereira da Silva, um cadete de Lanceiros com senso de general, um rapaz novo com o character d'um português antigo —. Olhe que o Mangualde não é nada tólo; pelo contrario, é muito intelligente, e um cavaqueador adoravel. Quando elle passar por Paris, você estude-o e verá como perde essa impressão. Eu tambem, á primeira vista, o achei brusco.

— Está dicto. Assim que elle chegar a Paris V. avise-me, que eu preciso mesmo de o ouvir sobre o combate de Chaves.

ENTREVISTA

COM O

Senhor Conde de Mangualde (Fernando)

O seu ultimo almoço em Paris — Rasgo de bravura no combate de Chaves — A sua opinião sobre restauração monarchica e os seus presentimentos.

Semanas depois, o conde de Mangualde chegava a Paris, e, n'um domingo, dia em que partiu para o Sul da França, almoçavamos os dois, na recatada quietude de Passy.

A'quella recordação brusca, quasi aggressiva que eu tinha na memoria, substitue-se então, uma impressão de cavaqueador estimavel. A pressa, a acção, os cuidados d'uma revolução proxima apresentaram-nol-o indifferente á impressão que podesse causar, olhando sem reparar, falando sem se deter, confirmando com as preocupações d'essa hora de 1911 a dureza do seu typo.

E' homem moreno, grandes mãos, bigode negro e farto, o cachaco queimado, typo cerrado de português, e todavia d'aquella fealdade mascula resalta o homem bem nascido. Vestindo com a simplicidade e o gosto viris do inglez bem educado — côres e gravatas escuras — o seu ar abandonado, de queixo pousado no peito, as costas dobradas, não deixa de indicar o homem do mundo, esteja de jaquetão ou esteja de casaca. Entre homens novos é d'uma alegria de *club-man*; a almoçar com senhoras, é o fidalgo, mas o fidalgo português que sabe bater-se e sabe conversar. Esse talento de conversar que a França já hoje não encontra nos seus salões invadidos pelo *Tango*, tem-o o conde

de Mangualde, servido por elegancias de erudição e gostos de expressão.

Foi elle que fez a conversa a esse almoço, conversa culta sem ser pretenciosa, interessando a todos os que a ouviram, adequada sem vir estudada, jorrando da primeira palavra trocada e todavia cheia de inedito.

O Conde de Mangualde amoroso investigador d'archivos — Os cadernos de erratas da edição dos «Luziadas» publicada pelo morgado de Matheus.

Falando-se da recente alliança das casas de Bragança e Hohenzollern, e do presente offerecido pelos Emigrados da Galliza — um exemplar dos *Luziadas*, edição do morgado de Matheus —, o conde de Mangualde fez d'esse assumpto o thema da sua conversa:

— Esse exemplar é rarissimo, pode dizer-se que é mesmo unico. Como sabe o morgado de Matheus é o bisavô de meu sôgro, o actual conde de Villa Real. Ora, poucos annos ha, estando no Solar de Matheus, andava eu a remexer por lá papellada do archivo, ainda por classificar e catalogar, veio-me ás mãos, o quê? Uns cadernos de erratas da edição dos *Luziadas*, do morgado de Matheus. O morgado fizera a revizão com um

esmero de beneditino, mas ainda sempre escaparam alguns erros. Os erudictos, amigos d'elle, apontaram-lh'os, e elle mandou imprimir uns cadernos com as respectivas erratas. São poucas mas algumas são. Já muito doente, falleceu antes de concluida a impressão, e os cadernos das erratas nunca chegaram a ser distribuidos. Fallecido o morgado de Matheus, aquillo ficou guardado para ali, e ninguém mais pensou em taes cadernos. Passaram annos sobre annos, e fui eu que dei com elles. Quando agora se pensou em offerecer um exemplar dos *Luziadas*, edição do morgado de Matheus, meu sôgro mandou vir um caderno das erratas que foi appenso á obra. Assim ficou sendo um exemplar rarissimo, unico, o offerecido ao Senhor D. Manuel.

Curiosos documentos.

— O archivo do sr. conde de Villa Real sei que tem verdadeiras preciosidades.

— Tem. E ha assumptos historicos que só poderão ser completamente estudados pelos documentos d'esse archivo. Por exemplo, toda a epoca que a côrte esteve no Brazil. Ha a crença de que foi por trahir D. João vi que um português illustre recebeu e tratou com o Junot, quando afinal elle foi um consciente patriota e um alto politico. Prova-se pelos documentos que ha em Matheus. Ah! que de Deus que esteve ás ordens do Junot! Esteve, e ainda bem, porque evitou muita barbaridade. Estudou o Junot, sabia que era um teimoso, a quem era perigoso contrariar; quando o Junot deu com o altar de prata da Sé do Porto e ordenou que o fundissem para cunhar moeda, elle disse-lhe que sim, que se ia mandar fundir o altar e reduzir a moeda, mas demorou, demorou, e por fim propoz ao

Junot: *E se em vez de se cunhar o altar, os portuenses contribuissem com o seu valor já em moeda? Evitava-se a despesa da cunhagem...* — « Não é mal achada. Pois elles que se executem com o dinheiro e que guardem lá o altar ». E aqui está como se salvou do criterio metalista e da furia destruidora do *homme à poigne* o altar de prata da sua terra.

— Não sabia.

Madame de Souza e Napoleão I.

— Outra: o Junot deu ordem que fosse dado ao manifesto todo o trigo que houvesse no paiz. Esse mesmo portuguez disse-lhe, como sempre, que sim, que ia transmittir e fazer executar essa ordem, mas por baixo de mão aconselhou ao povo a que só manifestasse do cereal: quando estalasse uma revolução, o invasor ver-se-ia a braços com a fome, e o paiz teria trigo nos celleiros. A correspondencia d'esse bom português, correspondencia de que ha copia em *Matheus*, prova isto tudo. E voltando ao morgado de Matheus: não sei se sabe que o morgado foi casado em segundas nupcias com madame de Souza, escriptora franceza de nomeada na epoca. Lá encontrei, nas pesquisas com que entretinha os meus verões, correspondencia de madame de Souza, contemporanea...

— De Napoleão I.

— Contemporanea e visita. Um dia, voltando ella de uma viagem á Allemanha, madame de Sousa foi visitar a Imperatriz Josephina. Ao entrar encontrou-se com Napoleão que a cumprimentou, e, com o aggressivo desdem que o vencedor Austerlitz tinha pelas mulheres, perguntou-lhe, bambolean-do a cabeça e enfiando dois dedos entre dois botões da casaca: « *Então o que dizem da França esses alle-*

mães?» Madame de Sousa respondeu: — «*O que hão-de dizer? ce que disent des hommes les vieilles filles!...*» — «*Vá, lá! não está má resposta!*» — achou Napoleão, dando-lhe a mão a beijar, e rodando, a afirmar com sacudidelas de hombrosa sua opinião.

**Uma sessão da Academia
Franceza em honra do
Morgado de Matheus.**

— Madame de Souza sobreviveu ao marido?

— Sobreviveu. Ha até uma carta d'ella, muito curiosa, para o enteado, escripta já de França, para onde ella voltou depois de viuva. N'essa carta, madame de Souza descreve ao enteado a sessão da Academia Franceza em honra do Morgado de Matheus, cuja memoria foi acclamada pelos «*Immortaes*».

Terminado o almoço, servido muito á pressa, levantámo-nos da meza. O conde de Mangualde acreditára n'um comboio ás 2 horas e vinte da tarde. Passava da uma. Tomámos já de pé o café, saltamos para um *taxi*, fizemos uma rapida visita no bairro, e partimos para o *Quai d'Orsay*.

**O conde de Mangualde no
combate do Chaves.**

Pelo caminho expuz-lhe:

— Vae n'um anno que trabalho na serie de volumes sobre a Galliza. Tenho ouvido centenas de pessoas: officiaes, sargentos, cadêtes, soldados, civis, toda a gente que tem passado por Paris. Dos que estão longe, tenho depoimentos escriptos. D'essa trabalhosa documentação é que sãe a narrativa seguida dos factos. Os officiaes emigrados em Paris, capitão Remédios da Fonseca, tenentes Victor de Menezes e Saturio Pires, e alferes Braz, elaboraram um relato-

rio militar do combate de Chaves, servindo-se para isso dos seus apontamentos e dos fornecidos por outros camaradas. Esse relatorio é o esqueleto da acção militar de Chaves, que eu vestirei dos episodios colhidos na investigação directa dos que estiveram em Chaves no dia 8 de julho de 1912. O Couceiro forneceu-me os documentos que tinha, e attende-me promptamente sobre tudo quanto o consulto. Supponho me devidamente documentado, para os outros e esse volume *O Ataque a Chaves*. Conhêço a valentia de que o Mangualde deu mostras no combate, comtudo desejava ouvil-o sobre essa pagina da sua vida tão notavelmente ligada á columna de Couceiro.

— Já se tem escripto muito de mim, e já contaram tudo, exaggerando é claro —, respondeu modestamente o valente official.

— Nem tudo se disse ainda. Creio que ainda não veio a publico justamente o momento mais bello da sua figura em Chaves.

— Qual?

— Aquelle em que o fogo contrario lhe inutilisa todos os apontadores da peça, e em que o Mangualde avança serenamente para a peça, encarregando-se do tiro.

— O que quer? Não tinha outra coisa a fazer. A peça estava desguarnecida, os meus homens tinham cahido todos ao pé da peça, varados de balas. Se eu dissesse aos outros: «*Rapazes! vão ali para aquella peça*», elles respondiam-me: «*Vá, você!*» E eu tinha de me calar, porque elles teriam muita razão. N'aquellas occasiões, não se diz a ninguem que avance, avança a gente, e, então os homens seguem-nos. E assim foi. Eu avancei, os homens acompanharam-me sem pestanejar.

— Debaixo de um fogo vivissimo. O conde de Mangualde encolheu

os hombros, como quem, por experiencia, aprendeu que tanto se morre sob pouco fôgo, como se escapa de baixo d'um aguaceiro de balas:

— Quando os artilheiros me cahiram, quasi que não havia fôgo. O fôgo não era muito, o que tinha é que elles de lá visavam um por um. Estavam entrincheirados, não tinham pressa nenhuma, e atiravam fazendo as melhores pontarias que podiam. Assim que eu avancei para a peça, de lá estavam com o olho em mim e despejaram-me fôgo para cima de mim á valentona. Eu a andar, e o fôgo a acompanhar-me. Pois, os meus apontadores cahiram com pouquissimo fôgo, e eu com aquelle verdadeiro bombardeio, em cima de mim, nem uma arranhadura tive. Isto em não tendo de ser...

E sorriu, indifferente á propria coragem.

Os seus presentimentos.

A conversa derivou para a hypothese de a Columna ter tomado Chaves, e para a hypothese de um novo movimento restaurador, e nós preguntámos-lhe:

— Qual é a sua opinião: uma revolução monarchica vingará?

— Olhe, na minha opinião, nós estamos hoje melhor de que ha dois, de que ha um anno. Hoje ha uma pequena corrente que nos é resolutamente contraria e uma grande corrente de irresolução...

— Mas essa irresolução foi o que houve das outras vezes.

— Está enganado. Das outras vezes, o que encontramos foi: uma grande corrente que resolutamente nos era contraria, e uma corrente mais pequena que nos era favoravel mas que receava ser abafada, ao pronunciar-se. Hoje as coisas mudaram. A corrente desfavoravel é uma minoria; ha uma

maioria que nos é favoravel, mas — pelo menos a mim parece-me isto —, essa disposição favoravel está ainda n'um estado de irresolução. Vai-se lá! mas é preciso metter muito o nariz, para transformar essa irresolução sympathica n'um resoluta e decidido apoio.

— Mas tem fé na restauração?

— Toda: Eu acredito que se restaura a monarchia, agora eu, como tenho a consciencia do que é preciso fazer para transformar a irresolução n'uma resolução favoravel, e como estou disposto a atirar-me de cabeça a essa obra, os meus presentimentos são: a monarchia restaura-se mas eu deixo lá o canastro.

E, com uma sombra de tristeza acrescentou:

— Se eu nunca tivesse entrado em fôgo e não tivesse a certeza que isto em mim não é mêdo, não o dizia. Mas como já sei que não tenho medo, e como já mostrei que não tinha mêdo, não me importa de o dizer. Que affinal, eu tenho ido sempre com estes presentimentos!... Mas é certo tambem que d'esta vez a gente mette mais a cabeça!...

Passamos pelo *Quay d'Orsay*, o conde de Mangualde preferiu um comboy nocturno, despachou as malas, e continuamos o passeio.

Paris, com os seus primeiros enterrecimentos de outomno, tomou posse dos nossos espiritos e da nossa conversa.

O ultimo abraço

O conde de Mangualde quiz ir ao jardim do Luxembourg; depois apeteceu-lhe arte, entramos no Museu e de lá fomos ao *Panthéon* onde o seu delicado temperamento se enlevou na *Pensée*, de *Rhodin*, se apaixonou pelo Apostolo que préga á esquerda do portico, e se encarnou na espiritualidade

macerada da Padroeira de Chavannes velando a Cosmopolis adormecida.

Descêmos a pé o *Boul Mich*, dissemos adeus á *Ilha de S. Louis*, chamamos pelo Hugo quando o nosso olhar trepou as torres da *Notre Dame*, e a meio da ponte mostrei-lhe a *Conciergerie* cujos torreões defumados parecem vestir o perpetuo lucto dum remorso.

Ahi despedimo-nos.

Quando os jornais de 24 de outubro me contaram que o conde de Mangualde fôra preso na vespera, na Praça Duque de Beja, eu evoquei, insensivelmente, o local onde lhe dera o ultimo abraço: em frente á *Conciergerie*, ás portas da cadeia...

Ao entrar em Portugal — A ultima carta

Não o esperava no Porto. Vira-o despachar malas, mas não lhe perguntára o seu destino final. Creio que nem elle mesmo o saberia ainda. Sabia-o, porém, já quando escreveu uma carta de que damos este extracto.

« *Redondella 14 outubro 1913.*

Meu caro Virgilio

« *Cá estamos, eu e o Mesquita, n'esta terra do « óai, óai, caxai, caxai, caxai cum ella », onde vim apressadamente como apressadamente sahi de Londres, atravessei Paris, sahi de S. Sebastian e como espero tambem d'aqui sair. Já esta noite, supponho, não dormiremos aqui continue escrevendo. Não a mim por enquanto. Eu e o Mesquita desaparecêmos temporariamente, mas dentro de breve terá noticias nossas que lhe provarão que continuo, n'este momento, com o systema de lhe não escrever as coisas que com gosto lhe diria ao ouvido ».*

Essa discreção attingiu a sua maxima grandeza quando o *Jornal de Noticias*, do Porto, lhe perguntou os motivos que o levaram ao paiz e que elle respondeu:

— « *Peço que não insista n'essa pergunta, porque a tal respeito nada poderei dizer. A minha situação é bem clara. Assumindo inteiramente as responsabilidades dos meus actos, nada tenho com as responsabilidades que a outros possam caber, e só a meu respeito poderei falar. Estou na attitude dum homem que jogou, perdeu e agora tem de pagar ».*

Quando um dia alguém lhe quizesse resumir o caracter e a nobreza, não tinha mais que escrever por baixo do nome essa phrase em que está condensada toda a grandeza moral d'um homem, affirmada n'uma hora bem augustiosa. N'ella disse tudo, disse mais do que se escrevesse volumes.

**Os que se commovem com
o mal alheio e não dão pe-
las desgraças dos seus.**

Todavia outros que só escreveram novelas em lingua extranha parecem ter commovido muito mais os jornalistas e homens de letras portuguezas.

Reporto-me ao anno de 1905.

Correndo a noticia de que o escriptor russo Maximo Gorki ia ser encarcerado na fortaleza de S. Paulo, uma commissão, composta dos srs. Alfredo da Cunha, director do *Diario de Noticias*, de Lisboa, Magalhães Lima e D. João da Camara, convidou os jornalistas e homens de letras a reunir-se, n'uma dada noite, no salão da *Associação dos Logistas*, afim de pedir á Russia a liberdade de Gorki.

Era um caso individual, passava-se na Russia, cuja severidade com os seus revolucionarios é proverbial,

tratava-se d'um estrangeiro, e todavia a intellectualidade portugueza estremeceu de horror á simples noticias do que Gorki fosse sepultado entre pedras cêllulares.

Estiveram n'essa reunião, e lá falaram, Consigliere Pedroso, o sr. Abel Botelho, Cunha e Costa, o sr. Faustino da Fonseca, o dr. Alexandre Braga, e até o poeta Affonso Lopes Vieira para lá carregou o seu coração atravessado pela setta de todos os chôros abstractos.

Portugal tem agora na Penitenciaria de Lisboa — e de Coimbra — portuguezes, por crimes politicos; dos tres convocadores da manifestação por Maximo Gorki só D. João da Camara partiu já d'esta vida descontente; o sr. Alfredo da Cunha vive e versifica, o *Diario de Noticias* tem nos seus caixotins typo de sóbra para compôr esse convite, o sr. Magalhães Lima continua a pedir á Europa que solte a liberdade das mãos do Obscurantismo, e nem o sr. Alfredo da Cunha perde o estro ou o apetite, nem o sr. Magalhães Lima se lembra de que em vez de proseguir na sua esfalfante carreira de *globe-trotters* do ideal, a pedir ao orbe a liberdade abstracta do pensamento humano, era muito mais facil, muito mais «ao-pé-da-porta» pedir á sua Republica que não retenha em regimen penitenciario a condemnados politicos.

Eu não discuto agora a Republica nem os seus rigores.

Pergunto apenas: com que direito o sr. Alfredo da Cunha ha de convocar amanhã os jornalistas e homens de letras do seu paiz, para pedir a liberdade d'um escriptor norueguez ou boliviano, quando no seu jornal não ha uma palavra que os convoque para pedir ao governo da Republica Portugueza que deixe de impôr o regimen penitenciario aos presos politicos?

Pergunto apenas: com que auctoridade quer o sr. Magalhães Lima continuar o seu passeio mundial, a clamar a redempção do algemado Pensamento Humano, se tem ali, em Lisboa, n'uma casa — que vê com certeza quando vae cobrar os alugueis da sua morada de casas da Avenida Fontes —, n'uma casa sobranceira á Rotunda, homens que perderam a liberdade depois de terem arriscado a vida, em combate, o que Maximo Gorki nem o ex-senhório do sr. João Chagas jámais fizeram?

Não é só o sr. conde de Mangualde e o sr. D. João d'Almeida (Lavrado) que estão na Penitenciaria, a cumprir condemnações por crimes politicos. Teem ahi, e na Penitenciaria de Coimbra centenas de homens de todas as cathegorias, de todas as classes, de todos os berços, de todas as edades.

D. João da Camara e Consigliere Pedroso morreram, Cunha e Costa começou agora a provar a amarga bebida do exilio. Mas ainda ahi teem o sr. Affonso Lopes Vieira que tem passado a vida a carpir a tristeza que se lhe encarcerou na propria alma, que ainda ha mezes veio aos jornaes rogar a absolvição d'uma senhora, e que uma vez posta em marcha essa cruzada pelo *Diario de Noticias* não negaria a sua sensibilidade a uma causa que nobilitaria o homem e engrandecia o poeta.

Ainda ahi tem Alexandre Braga, que no Real Theatro de S. João, do Porto, se ergueu a exigir d'El-Rei D. Carlos o indulto dos condemnados do 31 de Janeiro e que — por isso mesmo que no coração lhe canta a estrophe rubra das barricadas e das liberdades —, não recusaria erguer, com apaixonada isempção e o insuspeito impulso, a sua generosa alma e o seu elegante verbo de orador de raça, para que na Rotunda se não

continuem a ouvir os gemidos de penitenciarios politicos.

Se os sobreviventes convocadores da reunião *pró-Gorki* não querem salvar da loucura, da tuberculose ou da cegueira os presos politicos monarchicos, porque são monarchicos, salvem-se ao menos a si proprios.

Levantem-se, que se não levantarem o regimen penitenciario aos presos monarchicos, terão ao menos levantado o proprio coração e a propria alma.

O governo não accederá a essa representação?

Que importa! Tambem a Russia os não ouviu em 1905, e os senhores convocaram e reuniram.

Os prêsos politicos monarchicos seriam os primeiros a repellir a idéa?

Ainda menos importa!

Aos prêsos é dado o direito de nada pedir, de recusar de cabeça e alma levantadas; ao Pensamento humano compete rogar de joelhos ou exigir de punhos cerrados, consoante a coragem ou o modo de ver dos paladinos.

Rochefort collocou definitivamente essa questão no ponto que o bom senso e a logica lhe marcam. A imprensa parisiense representou ao go-

verno, pedindo o indulto do jornalista Hervé. O sr. Hervé em carta publica protestou, declarando recusar a graça pedida.

Rochefort respondeu lhe: «o sr. Hervé pode protestar quantas vezes quizer. Recusar, não. No dia em que nós obtivermos dos poderes publicos a sua liberdade, a justiça pol-o ha á força fóra da cadeia, como á fôrça o metteu lá. Quando eu fui amnistiado, e continuei o exilio, commetti um contrasenso, pois que, pelo facto de eu não me servir da amnistia, nem por isso eu estava menos amnistiado. O sr. Hervé está no seu direito de protestar contra os passos dados por mim e pelos outros colegas da imprensa parisiense. E nós estamos no nosso dever de fazer todo o possivel para que, neste seculo, e nesta França republicana, veja a prisão dum homem por delictos de opinião a affirmar que a França mette a ferros a liberdade de pensamento».

E Rochefort e os seus collegas continuaram a insistir pelo indulto do sr. Hervé.

Rochefort morreu, e não vejo geitos da sua alma haver transmigrado para o corpo do sr. Alfreto da Cunha ou do sr. Magalhães Lima.



